

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SÉCULO

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA

PORTUGUEZA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 6 DE JUNHO DE 1904

NUMERO 31



S. A. R. O SENHOR D. LUIZ FILIPPE COM O SEU UNIFORME DE ALFERES DE LANCEIROS

S. A. R. O SENHOR D. LUIZ FILIPPE MARIA CARLOS AMELIO FERNANDO VICTOR MANUEL ANTONIO LOURENÇO MIGUEL RATHAEL GABRIEL GONZAGA XAVIER FRANCISCO
D'ASSIS RENTO DUQUE DE BRAGANÇA

CHRONICA

Santos populares

S. Jorge, o general que vive no Castello, que tem pagem e escudeiro, estado maior e lacaios, é quem abre a ala em dia de Corpus Christi, todo garrido de pedras e de plumas á frente da guarnição e a ensinar o caminho nos outros santos populares.

Depois vem o Santo Antonio com a sua lenda de menino do cõro travesso e milagreiro, amigo dos moços, com olhares de luz e bondades infinitas, a ser victoriado n'umas noites quentes de junho ao som das guitarras em lagos de luar.

E o S. João, que foi temido e foi victima d'um capricho de Herodiade, esse deixa que no seu dia se desenvolva mais fernura e mais poesia por essas terras de Portugal onde as moçollas esperam do bochechos bem fartos ouvir o nome dos noivos.

Por fim, velhinho e tropego, quasi ao fechar do mez, chega S. Pedro, com as suas barbaças cõr de estrigas e com a sua pacata bondade de chaveiro celeste.

Em todos estes dias haverá festança. O povo vai



A EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE S. LUIZ:—PAVILHÃO DOS ESTADOS INDIANOS

gostar, vai rir. As noites são de calma e de luz, as aguas serenas, não bolem as folhas nas arvores, as flores crescem e são mais bellas do que nunca: esse luar e o perfume da noite entram nos corações e sahem pelos labios distillados em cantigas ás vezes tão bellas que poetas pasmam ao ouvirem-nas de tão rudes bocas. Os santos populares trazem consigo como uma doçura, uma ancia de amõres, de galanteios, de madrigaes atirados no acompanhamento meigo das guitarras.

Pelos campos fóra haverá fogueiras, alegrias, baillados e vinho a rodos, pauladas no circuito do eirado por causa d'uns olhos negros, casamentos tratados e muitas lagrimas d'essas que correm suavemente quando nos enternecemos, como as gottas de orvalho que tanto aformoseiam as rosas.

Nós, na cidade, deixaremos voar as almas para lá, para as provincias, a queremos ser fortes e a sentirmo-nos fracos, a queremos ser scriptos e a sentirmo-nos bons, porque nascemos n'uma terra de luz, de sol, de poesia e graças sem par, porque no fundo de todos nós, mesmo dos mais positivos, ha como o alaude d'um pagem a tocar rimances doces e a fibra de phantasia e doçura d'um arabe a vibrar apaixonadamente.

Então deixaremos os cafés, a Baixa, a politica, a



A EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE S. LUIZ:—O TEMPLO DA FRATERNIDADE

litteratura, e de calça branca, chapéu de palha, garridos e excitados, iremos para fóra de portas ouvir cantar os outros, ou alegremente iremos para o jardim da Estrella a passear por entre as verduras na luz rosea dos balões com que a Associação da Imprensa enfeitara o recinto n'essas noites de santos populares n'um festival de tradição e de caridade.

E talvez vejamos alguns graves collegas do artigo de fundo, com um bochecho d'agua á espera de ouvir um nome, não o do politico que succederá ao sr. Hintze, mas o da mulher encantadora, sem duvida, que succederá nas suas almas a outra que tambem fóra impacientemente esperada.

Foram-se já os congressistas: os estrangeiros, que ali estiveram, partiram e deixaram saudades da sua alegria, das suas figuras bizarras, das suas aprumadas linbas, das suas manelras de gentlemen tão distinctos que alguém dizia parecer impossivel o viverem d'essas rudes cousas do mar.

Mas é que essa vida do mar já não é hoje de rideza, porque se dominam as aguas com a sciencia e porque uma nova manifestação do trabalho humano se marca n'essa tarefa da oceanographia pela qual se vão descobrindo os sistemas submarinos, a fauna, as camadas, o viver interessante dos animalculos no solo dos mares.



A EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE S. LUIZ:—O PAVILHÃO RESTAURANT

Out'ora in-se á descoberta de novos horisontes fazendo marchar á vela as naus; agora já não ha que descobrir á superficie e as vistas dos homens voltam-se para os segredos intimos das aguas. Por isso veem sabios em vez de rudes maritimos reunir-se n'esta cidade, da qual para a aventura da descoberta partiram os maiores marinheiros do mundo n'um seculo de heroismos e tambem de calamidades.

Na Escola Naval fez S. A. R. o senhor infante D. Manuel o seu juramento ao assentar praça na

armada. Vae S. A. R. seguir a tradição de seu avô el-rei D. Luiz, como S. A. R. o senhor D. Luiz Philippe seguirá em lanceiros a de seu tio avô o senhor infante D. João.

Entre os homens do mar o finado rei era como um idolo, entre os lanceiros o senhor infante D. João era tão querido e tão amado que quando o seu corpo foi transportado para S. Vicente viu-se numa cousa



O CRUZADOR «KEARSAGE» NAVIO ALMIRANTE DA ESQUADRA AMERICANA FUNDADA NO TEJO

única nos annos dos exercitos: um regimento infleiro chorando d'armas na mão atraz d'um esquite.

S. A. R. o senhor infante D. Manuel vae frequentar como ouvinte as aulas da Escola Naval, vae viver no contacto dos seus camaradas, como o senhor infante D. João viveu no quartel.

Um principe ao appoximar-se dos subditos, fóra da atmosphera dos paços, torna-se homem, porque tempera a alma nas dores, nas desditas, nas sensações que o rodeiam. Assim se faz na Alemanha: os principes ganham um grau na Universidade e um alente, um galão no exercito e uma amizade, uma commenda e no mesmo tempo a noção do viver dos outros camaradas e assim, quando chega ao fim da sua carreira, sente-se tambem cidadão.

Eis o que succederá a S. A. R. que por este mez de junho, todo de sol e d'alegrias, mez dos santos populares e de poesia, deu o primeiro passo da sua vida publica.

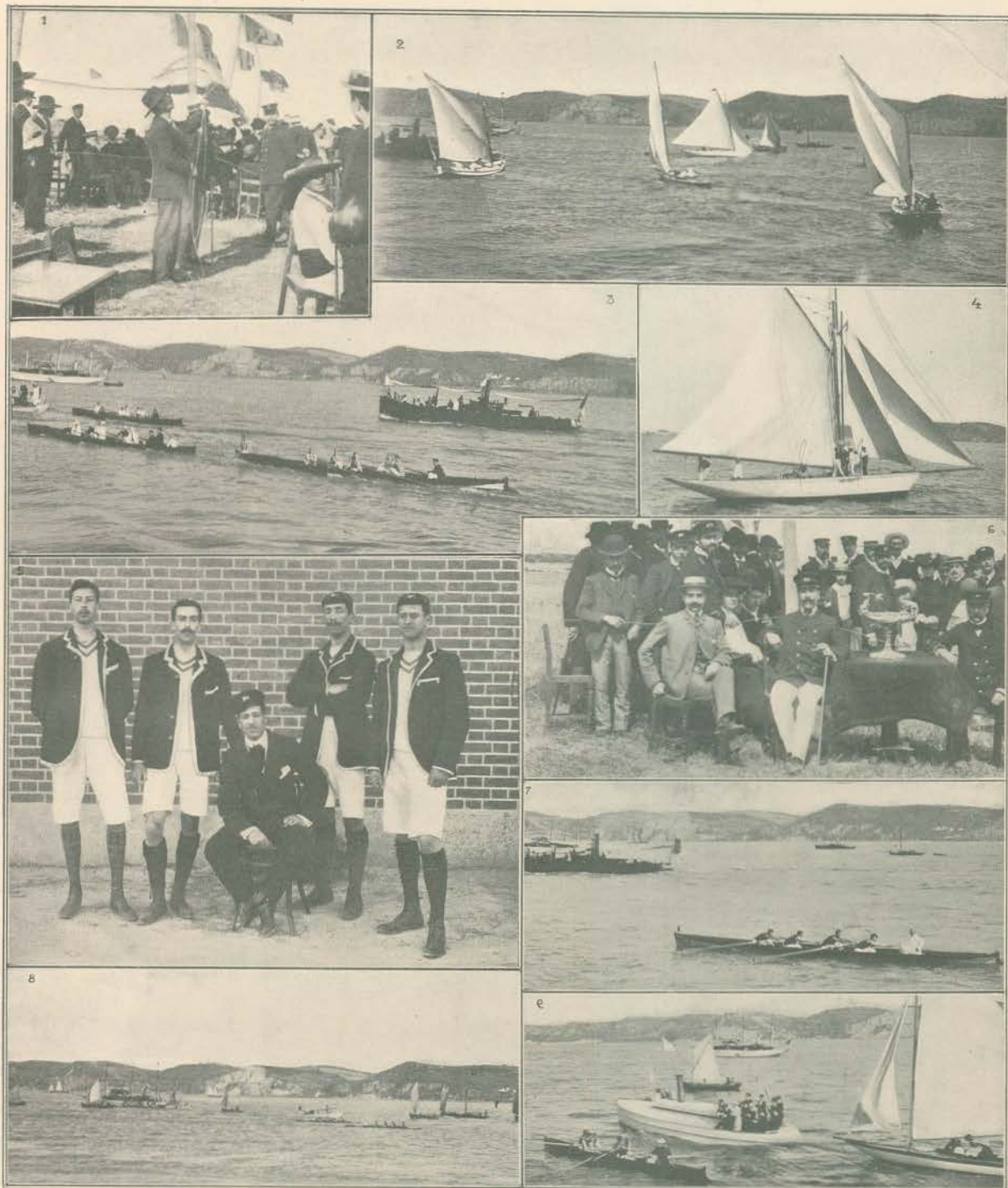
ROCHA MARTINS.



A EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE S. LUIZ:—PAVILHÃO DA CALIFORNIA



A EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE S. LUIZ:—PAVILHÃO DA ALLEMANHA



ASPECTO DA REGATA NAVAL REALISADA EM DOMINGO 29 DE MAIO, NVA QUAL VENCEU A REAL ASSOCIAÇÃO NAVAL

1. O SINAL DE PARTIDA—2, BARCOS DE VELA DIVERSISSIMOS—3, A VOLTA DEPOIS DA CORRIDA—4, UMA ESCALPA DE RESERVA—5, O SURENO VENCEDOR COMPONDO PELOS SRS: LEUZ SEMBLINO, DUARTE JUNIOR, S. PEREIRA (INVENTOR), FERNANDO CORREIA, ALVARO TOMARCA—6, O PAVILHÃO DO JURY—7, NA CORRIDA—8, EM ASPECTO DA REGATA—9, A SAUDAÇÃO AOS VENCEDORES

O premio d'esta regata era a Taça Lisboa. Tomaram parte na regata com a Real Associação Naval e Real Club Naval de Lisboa e Club dos Aspirantes de Marinha e o Club Naval Madeirense. Tardi de sol, ao longo da muralha do porto de Lisboa desde Santo Amaro à Junqueira havia gente curiosa e lá em baixo perto de Belem, erguia-se o pavilhão do jury entre os edificios residenciaes. Principiaram as corridas pelas tres horas, tomando parte na primeira os *larigeros* da quinta rumos *D. Maria Pia* da Associação Naval, *Italia* do Club Naval, *Altair* dos aspirantes do mar

inha, *Inezita* do Club Naval Madeirense. Fôcos vencedor o *D. Maria Pia* na segunda corrida tomaram parte os *antrigera D. Carlos* e *D. Amalia* ambos do Club Naval vencendo o segundo. Na terceira corrida para *larigero* venceu do novo o *D. Maria Pia* da Real Associação que disputava a victoria com o *Italia* do Real Club. Combe pois o premio à Real Associação Naval sendo os vencedores recebidos com salva de palmas ao som dos *barraes* que retumbavam pela praia.



A PROCISSAO DE CORPUS CHRISTI: A IMAGEM DE S. JORGE

O papa Urbano VI, em 1364, instituiu a procissão do Corpo de Deus. Portugal, filho dilecto da igreja, começou a fazer com o máximo formalismo esse cortejo. Lisboa deu o exemplo. Em 1387, no tempo de D. João I, como Heveliano mostra no *Mange de Olyer*, essa procissão era uma maravilha que fazia encher as ruas de gente ansiosa de ver tanta pompa, de se enfiar ante esse bello S. Jorge que com o seu pagão, o seu escudero e o seu estado atravessava as ruas como um campeão victorioso seguido por homens d'armas e sacerdotes na sua dupla qualidade de general e de Santo.

O uso continuou, supprimindo-se ao emtanto alguns dos attributos espartanos e ficando apenas essa tradição do S. Jorge que sahio do Castello com o seu escudo e vai até a 34.
O escudero veste de armadura, a pagão segura o pendão e o Santo glorioso na sua montada assiste ao desfilar da procissão com uma bella vestidura e com um chapéo recamado de pedrarias, enquanto os pretinhos do seu estado, que recebem cinco reis por dia, locam nos pifatos essa caracteristica musica que foi n'outras cidades uma marcha guerreira.



A FESTA À SENHORA DA ROCHA EM CABAXIDE—OS BAILADEIROS DO ANDO

É uma linda romaria que chama os habitantes em diversos lugares, que fica além de Lisboa a Senhora, uma margem do rio Jamor. A imagem sacra-se a um templo feita a expensas do milho. Foi a ao qual o grande poeta Thomez Ribeiro dedicou uma parte da sua vida. A Senhora da Rocha ou Senhora da Apparição foi desca-

tuada n'uma lagoa de alho, que se mudou sem remorso no dia 19 de Junho em que se realizou a festa. Este lugar ella foi habitada e venerada, até bastante pouco, barrendo o local com despezas e banhos ao alto local.

Pela habitadina estranha, os curtos puerocant atulhados, da romaria e do apraz.

na sua se a individualidade religiosa. No jardim da Rocha juntam-se muito para lerem como uma margem do Jamor, retirando sempre uma ocasião singela entre as ranchadas que n'esse bello dia primaverai descomparam da faina, em homenagem à sagrada imagem da veneranda e que tantas donatiras recebe de todos os pontos da paisa.



S. A. R. O PRINCIPE SENHOR D. LUIZ FILIPPE NO EXERCICIO DE CAVALLARIA NO HIPPODROMO

S. A. R. é alferes de lanceiros, regimento que guarda a tradição d'um antigo príncipe da sua casa, o senhor D. João, tin avô de S. A. R. Ficou marcada d'uma bella maneira a firma por que D. João commandou esse regimento. Elle era o amigo dos soldados e dos officiaes, era como um pai para todos osaes bravos que o adoravam. Por vezes S. A. R. valia d'uma maneira muito directa aos infortunios dos

soldados, salvava-os, tinha bondades sem par, e quando a morte o veio arrebatár na força dos annos, a soldadesca como se tivesse perdido um irmão muito querido, chorava atraz do feretro. Foi, pois, n'este regimento que S. A. R. e senhor D. Luiz Filippe sentou praça, tendo chegado já ao posto de alferes. A sua educação militar tem sido excessivamente cuidada e feita sob a direcção do sr. coronel Antonio Cos-

ta, que succedeu no cargo ao infeliz e heróico Mossalho d'Albuquerque. Todas as quartas feiras, ao tempo da manhã, S. A. R. vai com o seu regimento fazer exercicio para o hippodromo sob as vistas do sr. coronel Costa e do commandante de lanceiros, portando-se d'uma forma assas digna de louvor e demonstrando a par d'uma lucida intelligencia a maior singelera e bondade.



AS SALAS DA ESCOLA NAVAL NA QUAL ENTROU COMO ALUMNO S. A. R. O SENHOR INFANTE D. MANUEL

A AULA DE MACHINAS—A SALA DOS LENTES—GABINETE DO COMMANDANTE—AULA D'ARTILHARIA—SALA DO CONSELHO

Assim como seu augusto irmão o senhor D. Luís Filipe, segue a arma de cavalaria, o senhor D. Manuel vai seguir a carreira de marinha, entrando para aluno na Escola Naval, cujas aulas frequentará.

Será d'esta maneira bem completa a educação militar de S. A. R. que, a semelhança do seu avô o senhor D. Luiz, virá a ser um dedicado homem de mar. O

seu curso será do três annos como o de todos os guardas marilhas, ouvirá as explicações dos lentes, seguirá as provas practicas, formarse-ha lieutenant para essa fide do mar, lide honora e rade na qual se põem a prova corações e veredros. Seu avô o senhor D. Luiz, quando infante, andou embarcado, fez viagens, serviu na intimidade dos marinheiros, intimidade que gera amizades quando sob o céu e sobre as aguas e

savio caminha para longe da patria. S. A. R. ha de saber continuar essa tradição de bom marinheiro que seu avô legou e ha-de, dentro da Escola Naval, aproveitar magnificamente as lições dos mestres, dos doutos officiaes que são lentes, n'esse bello estabelecimento onde se formam os nossos mais distinctos marinheiros.



A REGATA NAVAL REALISADA NO DIA 29 DE MAIO

Na regata naval todos os concorrentes mostraram denuedo, destacando-se todavia a gente da Real Associação Naval, que ganhou o primário premio a bordo do *Maria Pia*. Partida de Santo Amaro e indo até Belem, onde era o ponto de chegada, os valerosos rapazes, á força de remos, en-

thusiasmos, fizeram o percurso em muito pouco tempo, conseguindo ganhar a regata por uma grande distancia: A *Taca Lisboa*, que foi instituida por todos os clubes navaes de Lisboa, é sempre lhaça do que se pratica em Inglaterra, flocos, pois, pertencendo á Real Associação Naval que, de

ano para anno, tem feito enorme progresso, reuando uma grande disciplina nas tripulações e dedicando-se todos os socios com afeto ao *esport* navital, um dos que mais incrementa va' tomando entre nós. Polas quatro e meia da tarde, quando a tripula, do do barco vencedor passou em frente de

Belem, a multidão applaudiu delirantemente, mostrando assim como se interessa por esse genero de *esport*. O jury da corrida era composto pelos senhores Hyacintho Brito, Joaquim Lecho, Virgilio Costa, Albino Lodi, Pedro Navarro, Julio Cabral, Dactano Braudó e Alvaro Machado.

ALBERTO



ABEL BOTELHO

O auctor dos *Lazarus*, d'esse livro de fé, livro ardente, de combate e d'arroyo, de critica e de verdade, está consagrado como um domador desde que nas paginas magistrais de *Amazô*, com uma vehemencia e com um domo quasi sem precedencia na litteratura portugueza, pintou o sympathico vulto d'um revoltado. Esse revoltado, incarnando a alma nacional, toda de altruismo e de exagere, e ao mesmo tempo de altivos e de poesia, busca lavar a cabo a sua obra politica no momento em que no coração d'uma mulher resenta a flor pura do amor, o qual tem logo o cunho do horrivel, ante a cabeça despenada do revolucionario cheio de fé que vem cabir aos pés d'essa mulher p'uma linda noite de festa e de calma.

Abel Botelho é militar, mas, apesar dos seus galões e da sua brilhante posição no estado-maior, vacilla como um escriptor tomado da acia de purificar, de refundir em nobres sobre a sociedade decadente.



MARIA VINENT

Maria Vinent pertence a uma familia illustre, é noia do marquez de Palomares. Nasceu em 1881. Recbeu educação primorosa. Revozes da fortuna eproaram-lhe uma situação difficil; tinha voz, uma voz deliciosa de soprano lyric. Dedieo-se ao estudo com os melhores mestres, um francez e outro italiano, os celebres Toqui e Bossi, e em breve estroavou-se, com pleno exito, no theatro Lyrico de Milão, enthusiasmado o auditorio n'um papel muito importante da opera *Filomena et Barba*, de Gounod.

Triumpharam ao mesmo tempo a artista e a mulher formosa, elegante e distinta. D'aquí em diante o seu caminho é reamado de flores. Em breve, será uma celebridade. Illu-stra consagra-a.



O GABINETE DE TRABALHO DE ABEL BOTELHO



OUTRO ASPECTO DO GABINETE DE TRABALHO



O SALÃO DA LEGAÇÃO AMERICANA NO PALACIO FOZ EM LISBOA



A INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO DE S. LUIZ:— O COMMISSARIO GERAL PRONUNCIANDO O DISCURSO D'ABERTURA

A Exposição de S. Luiz é a feira do mundo. Abriu com um successo louco e todas as potencias all' enviaram os seus productos. A par do commercio está a arte, a par da industria as manifestações de pensamento em todos os paizes, que foram recebidos n'essa America, patria de tantas bellezas, como hospedes queridos. O universo em toda a sua grandeza de trabalhos, em todas as

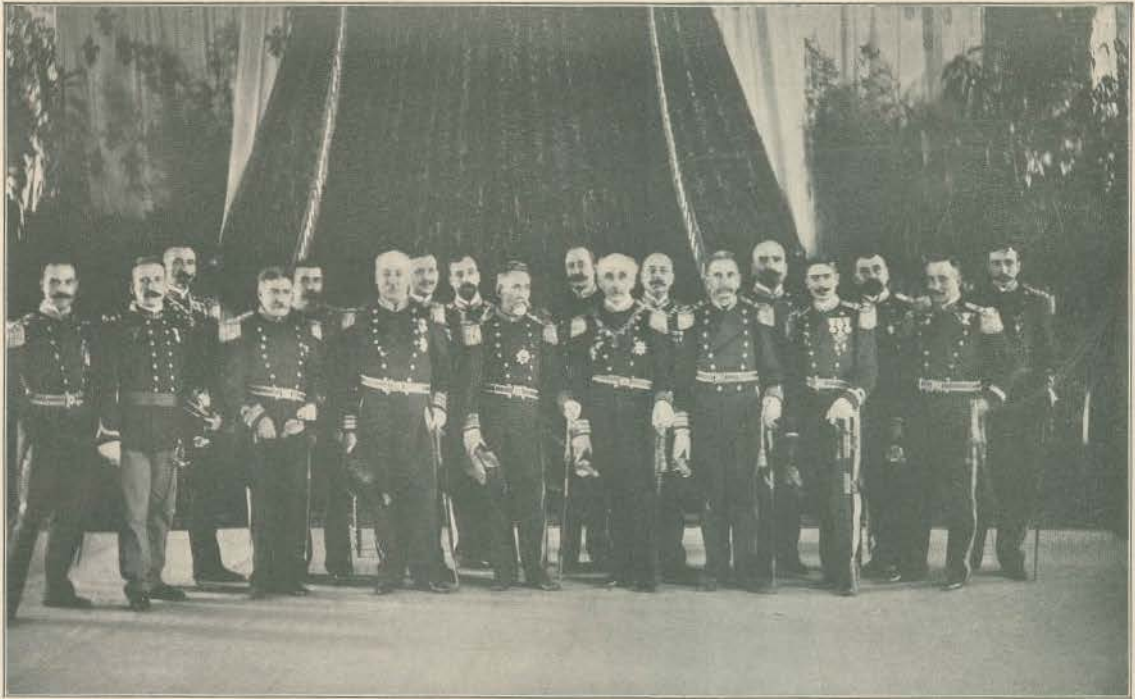
suas revelações, está all'. E hoje em S. Luiz passam-se representantes das povos mais barbaros ao lado dos mais civilisados, já n'uma vaga fraternisação, a qual é como o presencio de mais estreitas ligações.



A CERIMONIA NA ESCOLA NAVAL POR OCCASIAO DO ASSENTAMENTO DE PRAÇA DE S. A. R. O SENHOR INFANTE D. MANUEL

Na sala do Hino diante de SS. MM. e altaszas, com a a sidencia de toda a alumnaria official, S. A. R. o senhor Infante D. Manuel prestou o seu juramento sobre a bandeira da antiga companhia dos guardas marinhas.
Formaram os alumnos da Escola Naval sob o commando do 2.º commandante, sr. Celestino Soares. Havia uma commoção em todos os assistentes ao Yarem a bandeira, impunha pelo alumno mais moderno da Escola, passar escoltada por outros alumnos e entre as continencias dos militares.

S. A. R. estendeu a mão sobre as armas reais d'esse estandarte e prestou em voz firme o ebra o seu juramento de fidelidade. De seguida collocou-se a esquerda do corpo e passou o a continencia a SS. MM. com todos os seus novos camaradas.
O senhor infante D. Manuel, cheio de galhardia, na sua faceta de aspirante, foi cumprimentado por todas as auctoridades e recolheu ao Paço das Necessidades, constando que fará o seu curso de guarda marinha na Escola Naval.



O CORPO DOCENTE DA ESCOLA NAVAL

1—1.º TENENTE AERIL FORTUERA DA COSTA, LENTE DA QUINTA CADREIRA—2, CAPITÃO DE ENGENHARIA EDUARDO AGOSTO FERREIRO DOS ALVES, LENTE DA 10.ª CADREIRA—3, CAPITÃO TENENTE SOLO BAPTISTA FERREIRA, LENTE DA 2.ª CADREIRA—4, CAPITÃO DE FRAGATA JOSÉ AGOSTO CLEMENTE SOARES, 2.º COMANDANTE DA ESCOLA E COMANDANTE DO CORPO DE ALUMNOS—5, 1.º TENENTE ANTONIO DA COSTA RODRIGUES, AJUDANTE DE INSTRUÇÃO DO CORPO DE ALUMNOS—6, CAPITÃO DE MAR E GUERRA JOÃO BRAS DE OLIVEIRA, LENTE DA 4.ª CADREIRA—7, 1.º TENENTE ANTONIO PIRES DA SILVA, AJUDANTE INSTRUCTOR DO CORPO DE ALUMNOS—8, 2.º TENENTE ARTHUR BASTO DA SILVA TIMENTA DE MIRANDA, AJUDANTE INSTRUCTOR—9, CAPITÃO DE MAR E GUERRA JOSÉ BEVES DA MATTA, LENTE DA 3.ª CADREIRA—10, CAPITÃO TENENTE MARIANO DA SILVA,

LENTE DA 6.ª CADREIRA—11, CAPITÃO DE MAR E GUERRA JOSÉ OSARIO DA SILVA, DIRECTOR, 1.º COMANDANTE DA ESCOLA—12, CAPITÃO DE FRAGATA VICENTE MARIA DE MOURA COUTINHO D'ALMEIDA D'OLIVEIRA, LENTE DA 12.ª CADREIRA—13, CAPITÃO DE MAR E GUERRA RENELO CARLOS BONA, LENTE DA 11.ª CADREIRA—14, CAPITÃO TENENTE JOSÉ FRANCISCO DA SILVA, LENTE DA 5.ª CADREIRA—15, 1.º TENENTE ALFREDO RODRIGUES GARCIA, LENTE DA 7.ª CADREIRA—16, 1.º TENENTE APOLINÁRIO GOMES DA SILVA RODRIGUES, LENTE DA 3.ª CADREIRA—17, JACQUINO DO CARMO DE AL. FENELLA, COMANDANTE DE 1.ª CLASSE E SECRETARIO DA ESCOLA—18, 1.º TENENTE VICTOR BORGES DE AZEVEDO COUTINHO, LENTE DA 5.ª CADREIRA.



UM GRUPO DE ALUMNOS DA ESCOLA NAVAL
A CERIMONIA DO ASSENTAMENTO DE PRAÇA DE S. A. R. O SENHOR INFANTE D. MANUEL NA ESCOLA NAVAL EM 1 DE JUNHO



O JORDÃO

OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Faz gosto reconhecer que ficámos surprehendidos de uma cousa:—que nunca sonhámos que podíamos vêr porções do verdadeiro templo de Salomão, e todavia assim nos succedeu, sem sombra sequer de suspeita que fossem embustes fradescos.

Estamos fartos do vêr cousas. Nada agora exerce em nós qualquer fascinação, e não ser a egreja do Santo Sepulcro. Temos lá ido todos os dias, sem nunca nos enfadar; de tudo o mais estamos enfadados. E' muito o que ha para vêr. A cada passo enxamoiu ou torno de vós; não ha um só palmo de terra em Jerusalem ou nos seus arredores que parea destituido de uma commovente e importante historia propriamente sua. E' um verdadeiro alívio dar um passeio de cem jardas sem o guia a falar-vos incessantemente de toda a pedra em que topaes, e fazer-vos remontar seculos e seculos até o dia em que ella alcançou celebridade.

Até me custa a crêr quando me encosto por um momento a um muro arruinado, lançando um olhar cago para a historica lagôa de Bethesda. Nunca pensei que semelhantes cousas ostivessem amontoadas a ponto de minguaarem do interesse. Mas, verdade, verdade, temos andado empuxados de uma banda para a outra, durante muitos dias, consumindo a vista e os ouvidos, mais actoados por um sentimento de dever do que por qualquer razão mais elevada e mais digna. E' multissimas vezes fomos folgado de ser chegada a hora de ir para casa, e de não nos mortificarem mais com logares celebres.

Os nossos peregrinos abraçam multissimas cousas n'um dia. A gente tanto pode abarrotar-se de vistas como de goloseimas. Desde que alucetemos esta manhã vimos o sufficiente para nos dar assumpto para a reflexão de um anno, se pudessemos vêr os diferentes objectos com commodidade, e contemplalos de proposito feito. Visitámos a lagôa de Hezekiah, onde David viu a mulher de Uriah a sahir do banho, e ficou perdido de amores por ella.

Sahimos da cidade pela porta de Jaffa, e já se vê que nos contaram muitas cousas acerca da torre de Hippico. Atravessámos o valle de Hinnom, entre duas das

lagôas de Githon, e por um aqueducto construído por Salomão, que ainda transporta agua para a cidade. Subimos o monte do Man Conselho, onde Judas recebeu os seus trinta dinheiros, e tambem quedámos um momento debaixo da arvore em que uma respeitavel tradição diz que elle se enforcou. Descemos do monte, e o guia começou a nomear e historiar todas as margens e pedras que encontravamos:—«Este é o campo de sangue; estas cortas nas rochas eram sacrificios e templos de Moloch; aqui sacrificavam-se erlantes; além é a porta do Sião; o valle de Tyropé; o monte de Ophel; aqui é a junção do valle de Josaphat—á vossa direita está o poço de Job.»

Continuava a narrativa:

«Este é o montado Oliveiras; este é da Offensa; aquelle feixe de cabanas é a aldeia do Siloam; aqui, além, por toda a parte, o Jardim do Rei; debaixo d'esta grande arvore foi assassinado o grande sacerdote Zacharias, acól é o monte Morriah e o muro do templo; o tumulo de Absalão, o tumulo de S. Thiago; o tumulo de Zacharias; para além é o horto de Gethsemani e o tumulo da Virgem Maria; aqui está a lagôa de Siloam e...»

Dissemos que nos queriamos apaar, matar a sede e descansar. Estavamos ardoendo com o calor. Succumbiamos debaixo da fadiga accumulada de dias e dias de caminhadas incessantes. Todos estavamos bem dispostos.

A lagôa é um fosso profundo e murado, através do qual um veio de agua clara, que vem de qualquer parte de baixo de Jerusalem e atravessa a Fonte da Virgem, ou é accrescida por ella, e chega aqui como por um tunnel de pesada cantaria. Esta afamada lagôa tinha exactamente o mesmo aspecto que no tempo de Salomão, sem duvida nenhuma, e as mesmas fuscas mulheres orientaes desciam á sua moda antiga do Oriente com castaros de agua á cabeça, tal qual como faziam ha tres mil annos, e como fariam d'aqui a cincoenta mil annos, se ainda existissem.

Fomo-nos embora, e detivemo-nos na Fonte da Virgem. Mas a agua não era boa, nem ali havia nenhuma commodidade ou socego, por causa do regimento de rapazes, raparigas e pedintes que nos perseguiram todo o

tempo para lhes darmos alguma cousa. O guia recomendou-nos que lhes desseamos uma esmola, e que fizemos; mas, quando elle accrescentou que elles estavamos morrendo de fome, sentimos apenas ter committido um grande peccado em pôr impedimento a um facto muito para desejar, do sorte que, querendo retirar a esmola, isso já não foi possível.

Entrámos no horto de Gethsemani, e visitámos o tumulo da Virgem, ambos os quaes tínhamos visto antes. Não me prax falar d'ellos agora. Virá occasião mais oportuna.

Não posso tratar n'este momento do monte das Oliveiras ou da sua vista de Jerusalem, do Mar Morto, e das montanhas de Moab; nem da porta de Damasco ou da arvore que foi plantada pelo rei Godofredo de Jerusalem. E' necessario estar bem disposto para falar d'essas cousas. Nada posso dizer da columna de pedra que do muro do templo aponta para Josaphat como uma peça de artilharia, excepto os musulmanos acreditarem que Mahomet estará encançado n'ella, quando vier julgar o mundo. E' pena que elle o não possa julgar de algum poleiro que possua em Mecca, sem se passar no nosso chão sagrado. Mesmo ao pé está a porta de Ouro, no muro do templo—uma porta que foi um elegante pedaço de esculptura no tempo do templo, e ainda agora o é. D'alta, em tempos antigos, o grande sacerdote hebraico soltava o bode emissario, deixava-o andar pelo matagal com a sua carga de anno dos peccados do povo. Se agora soltassem um nem chegaria sequer ao horto de Gethsemani, sem que estes miseraveis aqui o engulissem, peccados e tudo. Que lhes importava a elles! com costelleas de crumiro e peccados dão-se muito bem agora. Os musulmanos vigiam a porta de Ouro com enuidade e anciedade, porque tem a venerada tradição que diz que, quando ella cahir, o Islamismo cahirá, e com elle o imperio ottomano. Não me cansou muito pesar saber que a velha porta estava a abanar um pouco.

Estamos outra vez em casa. Sentimo-nos exhaustos. O sol assou-nos, quasi.

Todavia, ha uma reflexão que nos consola. Das nossas

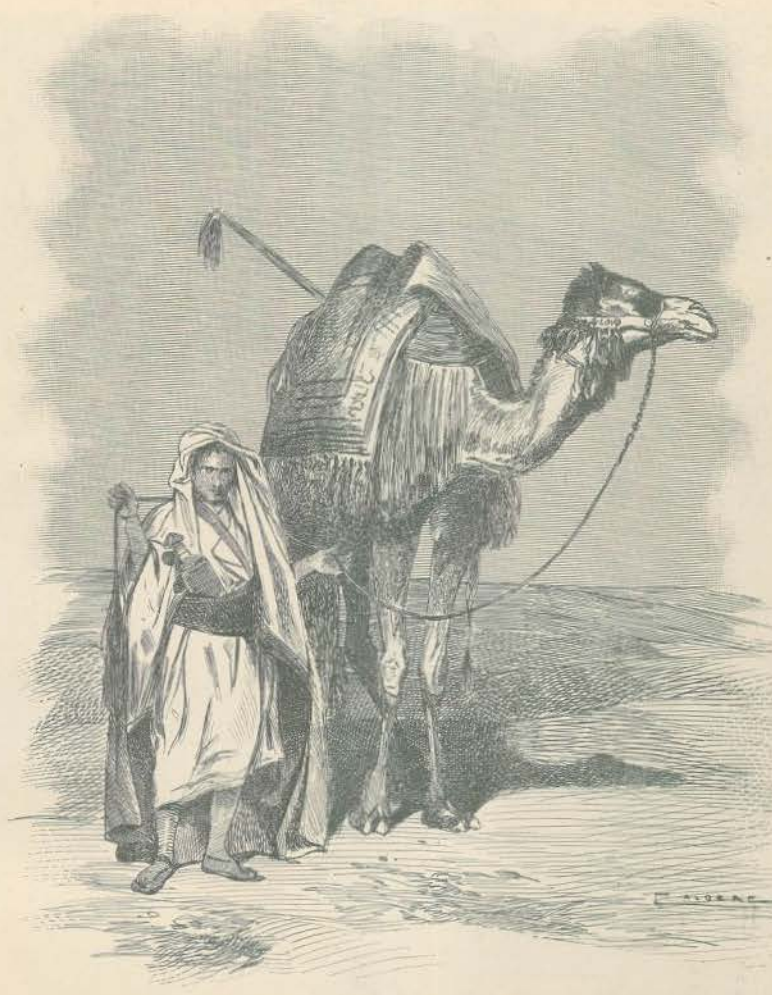
digressões pela Europa tirámos a experiência de que com o tempo esta fadiga esquecerá; também o calor ha de esquecer; a sede, a fastidiosa volubildade do guia, as perseguições dos pedintes — e só ficarão recordações agradáveis de Jerusalem, recordações que invocaremos com interesse sempre crescente á medida que forem decorrendo os annos, recordações que algum dia se tornarão de todo em todo bellas, quando o derradeiro aborrecimento que as afoia se houver desvanecido da nossa mente para nunca mais voltar. O tempo em que anámos na escola não era mais feliz que os dias que lhe succederam, mas lembramo-nos d'elles com saudade, por nos termos esquecido dos castigos escolares, e como nos affligiamos quando perillamos as pedras ou estavam despedaçados os nossos papagaios — porque tihamos olvidado todas as penas e privações, e só nos acudia á memoria a espada de pau e outras brincadelas. Estamos satisfeitos. Podemos esperar. A nossa recompensa ha de vir. Para nós, Jerusalem, e aquillo por que hoje passamos, será uma magica recordação d'aqui a um anno — que não daremos por dinheiro nenhum.

XXIV

Rebellião no acampamento — Eranos da vida nomada — Tristes romances — A camallo de Jericó e do Mar Morto — Etiologia de peregrinações — Bethania e a casa de Lazaro. — Beduinos I. — A antiga Jericó — Misericórdia — A marcha de noite — O Mar Morto — Ideia de quanto á via do deserto e Palestina — Os santos oráculos de Mara — Saba — A boa santa Saba — Não tem admissoão as mulheres — Sepulchros fora do mundo para sempre — Gaddis — A planície dos pastores — Bayo do Salvador. — Belem — Igreja da Natividade — Os seus cem fogares santos — A famosa gruta do leite — Tradição — Regresso a Jerusalem — Exhaustões.

Não havia mais que ver em Jerusalem, excepto as casas tradicionais de Dives e Lazaro da parábola, os tumulos dos reis e os dos juizes; o lugar onde lapidaram um dos discipulos até o deixarem morto, e decapitaram outro; o aposento e a mesa que ficaram celebres pela ultima ceia; a figueira que Jesus tornou mirrada; e uma quantidade de sitios historicos em volta de Gethsemani e do monte das Oliveiras, e mais quinze ou vinte sitios em diferentes partes da propria cidade.

Lumo-nos approximando do fim. A natureza humana dava signal de si, agora. A lida em excesso e a consequente fadiga começavam a produzir o seu effeito natural, a abater a energia e a soffocar o ardor do grupo. Agora perfeitamente seguros contra a falta de cumprimento de qualquer pormento de peregrinação, como que gozavam de antecampo o Ba do descanso lucrado a seu credito. Tornavam-se um tanto indolentes. Vinham tarde para o almoço, e demoravam-se á mesa do jantar. Trinta ou quarenta peregrinos tinham vindo de bordo pelo caminho mais curto, e não havia remedio senão deixalos paltar. E nas tardes de calor muito intenso mostravam uma forte inclinação para estarem deitados nos frescos divans do hotel, a fumar e a conversar sobre os agradáveis incidentes occorridos n'um mez, pouco mais ou menos — porque mesmo assim, ainda cedo, os episodios da viagem que foram algumas vezes enfadonhos, outras irritantes, e outras tantas sem importancia quando se deram, começavam a elevar-se sobre o morto nível das reminiscencias remotas, e a tomarem vulto na nossa memoria. O apito-signal de novoceiro, que em terra chega ao sono no meio de mil sons insignificantes, não chega a notar-se a uma pequena distancia, mas o navegante ouve-o lá muito longe no mar, onde não alcança nenhum d'esses sons insignificantes. Em Roma todos os siniborios se parecem uns com os outros; mas basta andar longe milhas para de todo se perder de vista a cidade e o que fica é o volume do siniborio de S. Pedro sobre a liza planura, como um balão ancorado. Anda um homem em viagem pela Europa, e os successos diarios parecem todos eguaes, mas, quando está dis-



UM PORTADOR DE CAMELLOS

tante d'elles dois mozes e duas mil milhas, salientam-se os que eram realmente dignos de memoria, e desenvolvem-se os que na realidade não passaram de ser insignificantes. Não era nada boa aquella inclinação para fumar, estar cioso e a parolar. Era claro que se lhe não devia deixar tomar raiz. Convinha buscar uma digressão, sonho a demoralisação seria a consequencia certa. O Jordão, Jericó e o Mar Morto estavam indicando, e o resto de Jerusalem ficaria para depois. A jornada foi approvada immediatamente. Vida nova bateu em todos os pulsos. Na sella — por essas planicies fóra — a dormir em camas apenas limitadas pelo horizonte a imaginação estava a trabalhar com essas coisas n'um momento. Era penoso observar a promptidão com que esses homens creados nas cidades se tinham affeito á vida do acampamento e do deserto. O instinto nomada é humano; nascido com Adão, transmitiu-se pelos patriarchas, e, olvididos trinta seculos de vigoroso esforço, a civilisação ainda e não pôde desarraigal completamente de nós. Tem um saccanto que, uma vez provado, o homem gosta de repetir. Nos indios é que ninguém pôde xertirpar o instinto nomada.

Tendo sido approvada a viagem do Jordão, foi avisado o nosso droquão.

As nove horas da manhã estavam a almoço o a caravana defrente do hotel. A animação era grande. Por toda a parte rumores de guerra e de sangue derramado. Os criminosos beduinos no valle do Jordão e nos desertos que ficam para baixo do Mar Morto estavam em armas, e iam dar cabo de quantos apparecessem. Tinha dado batalha a um tropo de cavallaria turca, que derrotaram; houve muitos mortos. Tinha exercido os habitantes de uma aldeia e uma guarnição turca n'um antigo forte proximo de Jericó, e haviam-no cercado. Avançaram para um acampamento dos nossos peregrinos, junto do Jordão, que só escaparam fugindo e voando para Jerusalem a toda a brida nas trevas da noite. Tinha atirado n'uma embosca a a outro grupo dos

nossos, e atacado de dia claro. Derramou-se tiro de parte a parte. Felizmente, não houve derramamento de sangue. Falamos com o proprio peregrino que tinha dado um dos tiros, e por elle soube como n'esse imminente perigo de morte, só a tria coragem dos peregrinos, a sua força em numero e imponente apparato de material de guerra os tinham livrado de completa destruição. Conston que o consul tinha pedido que mais nenhum dos nossos fosse ao Jordão enquanto durasse este estado de cousas; e, ainda mais, que não queria que mais nenhum fosse, pelo menos sem uma escolta militar muito forte. Isto causou impressão. Mas com os cavallos á porta e toda a gente sabedora do fim para que elles alli estavam o que é que torceis então feito? Reconhecer que tinheis medo e que retraveis vergonhosamente? De modo nenhum. Não seria consentaneo com a natureza humana, havendo ali tantas mulhõres. Procederdes como nos procedemos: dirdes que não tinheis medo de um milho de beduinos — faríeis a vossa vontade, e resolverdes tranquillamente convosco tomar uma posição modesta na retaguarda do acouto.

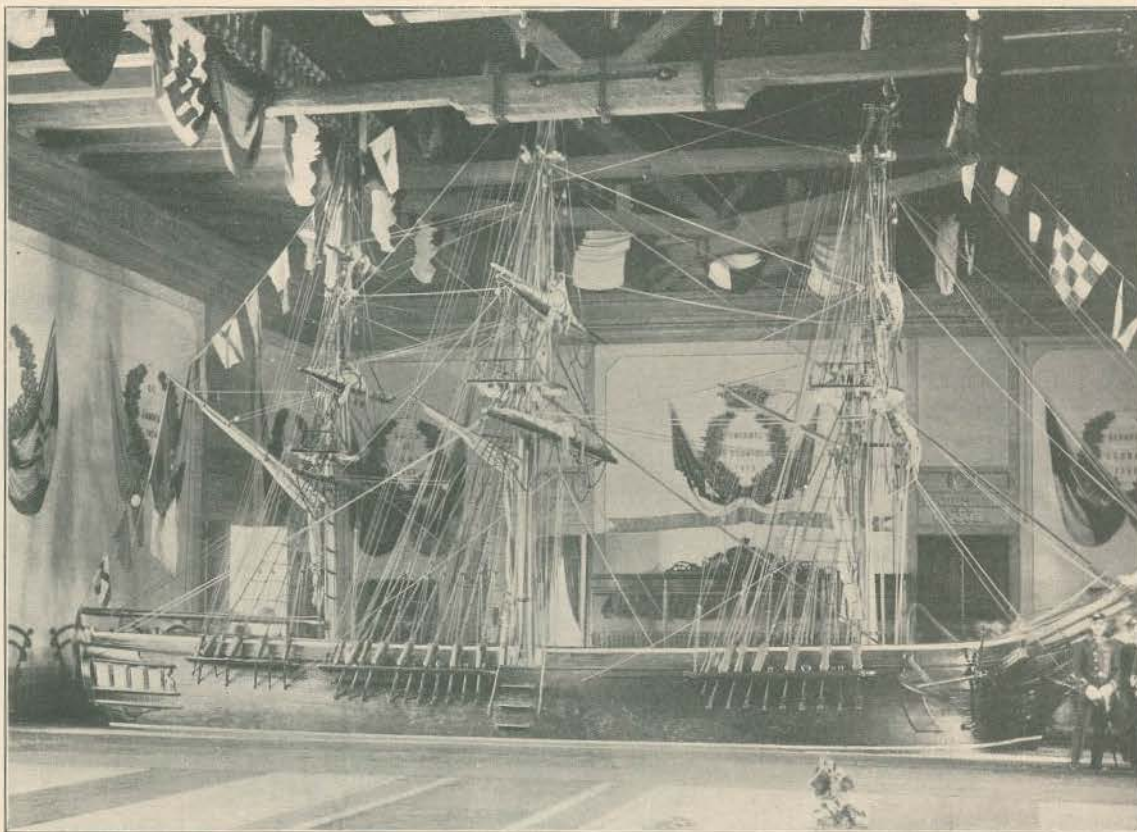
Penso que tomámos todos a mesma deliberação, pois parecia que nunca haviamos do chegar a Jericó. O meu cavallo era singularmente vagaroso, mas em todo o caso não havia maneira de o manter na retaguarda, para me salvar o peçoço. Puxava sempre para a frente. A vista d'isso tromi um ponco, e apoei-me para apertar as alhas. Não serviu de nada. Os outros todos se apearam para fazer exactamente o mesmo!

Era a primeira vez que algum d'elles sabia da ordem em tres semanas, e agora foram todos á una. Decidi-me a andar a pé, para fazer exercicio — não era bastante o que tinha feito em Jerusalem, á busca de logares santos. Foi um flasco. A tropa toda necessitava de exercicio, e, não tinha passado um quarto de hora, já estavam todos a pé, e eu na frente. Era muito desanimador.

(Continúa.)



UM BEDUINO DO VALLE DO JORDÃO



A FRAGATA «PACIENCIA», NA SALA DO RISCO DO ARSENAL DE MARINHA, ONDE OS ALUNOS DA ESCOLA NAVAL FAZEM OS SEUS EXERCÍCIOS

CHRONICA ELEGANTE

A primavera vai passando rápida e tão inconstante que bem merece ser considerada duradoura como as rosas que tanto a aformoseiam.

Passam as rosas, passam os dias verdejantes e luminosos d'esta formosa quadra do anno, mas por fortuna não são tão ephemerias as flores vivas e animadas que n'ella vemos florescer, as gentis lisboetas que enxameiam as festas, os passeios, os theatros e que, graças a todas as luxuosas e suggestivas manifestações da moda actual, merecem mais do que nunca o qualificativo de flores tão abusivamente empregado por vezes.



FIGURA 1

As senhoras lembram uns jardins ambulantes. Os tecidos finos das *toilettes etamines*, *mousselines*, *coites*, *foulards* e muitos outros parecem uns *parterres*, sobre os quaes estão artisticamente dispostas as mais delicadas flores: grinaldas de rosas, *binets*, margaridas, jacintos, amores perfectos, lilizes, myosotes correm graciosamente sobre os fundos diaphanos e vaporosos; nos tecidos lisos empregam-se galões, rendas e tiras d'*etamine*, gaze ou seda também bordadas com flores e desenhos diversos, mas sempre de tons



FIGURA 2

uma nota qualquer garrida e alegre.

O que não significa abstenção completa dos fatos discretos, de tons neutros, simples e pouco vistosos, dos chapéus, todos pretos, marrons, azul escuro, e outras cousas no mesmo genero que são especialmente destinadas aos passeios a pé, as *courses* matinaes e principalmente adoptadas pelas pessoas que procuram não dar nas vistas.

Mas, pensamos, e muitos abundam nas nossas idéas, que as pessoas novas devem aproveitar os ridentes dias da sua primavera para usar, e abusar mesmo, de tudo quanto é fresco, mimoso, vistoso e alegre como a juventude, e entendemos que as *toilettes* claras e garridas são o complemento e o *décor* de todas as festas primaveris e estivais.

FIG. 1—*Toilette* de recepção em *crêpe de chine bien pâle* com rendas *incrustées* de rosas em *mousseline rose*. Peitilho de rosas com folhagem escura.

FIG. 2—Chapéu de palha *bise* ornado de jacintos e madrestilvas, e fitas *vert Nil*.

claros, alegres e animados.

Os chapéus são nuns *corbeilles* decoradas com a mais perfeita intuição artistica e elegante.

As flores misturam-se, procurando sempre harmonisar-se entre si e com o conjunto da *toilette*.

Quando um chapéu é escuro, procura-se sempre attenuar-lhe o aspecto sombrio com um forro, um *dessous*,

FIG. 3—*Toilette* de *voile crème* com folhagem bordada. Chapéu preto forrado de verde myrto e plumas pretas.



FIGURA 3